

721439

S E R M A M

DO DEZAGRAVO DE CHRISTO SACRAMENTADO

NA SOLENNISSIMA FESTA
que no mes de Janeiro lhe faz todos os annos
na de Portugal na Igreja de Santa
Eugracia.

P R E G A D O

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA
Calificador do S. Officio, & Lente de prima de Theologia
no Collegio de S. Agostinho desta Cidade
de Lisboa, & Bispo de Martyria.



Vai mijnella 100
Com. 4. de Auctor
\$ 239

E M C O I M B R A .

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MANOEL RODRIGVES D'ALMEYDA
M. DC.LXXXI.

Acusa de Ioaõ Antunes Mercador de livros.

S E R R M A M

DO DEZAGRAVO DE

C H R I S T O

S A C R A M E N T A D O

N A S O L E N I S S I M A F E S T A

que no mes de Janeiro he faz todos os annos
de Portugal na Igreja de Santa

P R E S E N T A

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA

Capitador do S. Officio & Lente de prima de Theo-

logia no Collegio de S. Agostinho della Cidade

de Lisboa & Bispo de Marinha

*Um. A. de Lisboa
1733*



E M C O I M B R A

Com todos os licenças necessarias

N. Officina de MANOEL RODRIGUES D'ALMEIDA

M. DC. LXXXII

... quando ...



A V E M A R I A .

Caro mea vera est cibus, & sanguis meus vere est potus.

Ioann. cap. 6.

S E N H O R .



VE empenhado se mostra Deos em nos per-
tir a verdade de sua palavra, & que remi-
sões nos em o assegurar ao menos co-
a contingencia de nossas promessas: sendo
Deos essencialmente a mesma verdade, que
assim se de finio elle mesmo: *Ego sum veritas,*

Ioann 14.
n. 6.
Psal. 61.
n. 10.

& sendo os homenis tambem a mesma mentira, que essa de-
finação lhe deu a melhor Philo sophia: *Mendaces filij hominum*
Assi se hão os homēs no que devem a Deos, como se na satis-
fação nam podesse aver falibilidade, & assi se ha Deos no que
promette aos homēs, como se das suas promessas podesse
aver contingencias.

Seguramos Deos com juramentos as promessas de seus be-
neficios: *Vere est cibus, vere est potus.* Taõ gostozo, & taõ na-
tural he aquella vontade divina, o tratar de nossas melho-
ras que nam se paga sò de prometello, nam que chega a juralo, &
taõ contrario, taõ repugnante he a nossa vontade, o ter com
Deos as dividas correspondencias, que nam sò juralo, mas
nem ainda de prometelo se paga. No diluvio universal ou-
ve duas cousas, ouve peccados, & ouve castigos, & he mui-
to pera reparar, que acabando entam Deos consigo o pas-
sarnos hum seguro de nos nam dar maes aquelles castigos,
nam acabamos nòs com nosco o fazerlhe hũa promessa de
nam cometer mais aquelles peccados.

Gen 9. 13.

Nam está na nossa mão o prometer a Deus nada, quando na mão de Deus: o parece que está, o prometerno, & o darnos tudo: Este misterio tem hoje os juramentos repetidos cõ que nos promete na divina mais grandiosa o Sacramento mais grande: *Caro mea vere est cibus & sanguis meus vere est potus.* Mas a que vem a gora aqui os juramentos, quando parece que bastavão as promessas? Que mais teve o amor de Deus no misterio da Eucharistia, que o amor de Deus nos outros misterios, para que sò as finezas deste amor nos persuada, sò as finezas deste amor nos jure? *vere est, vere est.*

Sò as finezas do Sacramento nos jura dizẽ commummente os expositores, porque ainda que o amor de Deus seja sempre o mesmo quanto a intençaõ, na Eucharistia, maior de todos quanto aos effeitos. Tãõ digiozamente grandes, & tão grandemente excessivas forão as finezas do amor de Deus no Sacramento do altar, q̃ achou parece Cristo, que perigaria o seu credito, se as não affirmasse com juramentos. He resposta commum, mas parece difficultoza: Pergunto, & porque foy mayor o amor com que Deus nos amou no Sacramento do altar, que o amor com que nos amou nos outros misterios?

O amor da Encarnação não foy o primeiro amor? O amor primeiro não he o amor mayor, por ser o morgado do coração, & as primicias da vontade? O amor da Encarnação sobre ser o primeiro nam unio as mayores distancias, ou as mayores contradicções? O immortal com o passivel, o temporal com o eterno, o immenso com o limitado? O amor do nascimento, nam reduziõ á mayor humildade, a mayor alteza? Nam sò vio no nascimento, lançada entre brutos a bemaventurança dos Anjos, reclinado em palhas, quem pizava estrelas? Não se vio trocada a purpura mais soberana, pellos panos mais humildes? O trono mais magestoso, pello lugar mais abatido? O Ceo por Belem, & o mayor palacio por hũ humilde prezepio?

O amor da Cruz nam obrou as mayores finezas? Nam

D. Do
ver. in
opuscul.
& alij.

emmudeceo o verbo, não entristecéo a alegria, não prendeo a omnipotencia, nam sepultou a vida, & alçou a seimolura? Tudo isto assim foy: Pois se o amor de Deos na Cruz, se o amor de Deos no nascimento, se o amor de Deos na Encarnaçam, obrou todas estas finezas taõ prodigiosas, como foy, ou como pode ser, quanto aos effeytos, mayor o amor, de Deos no Sacramento q̃ o amor de Deos nos outros misterios? Foy o mayor amor, se me nam engano, porque nos outros misterios, triumphou o amor de Deos de nossas ingraticidens, no Sacramento triumphou o amor de Deos de nossas incredulidades.

Eu me declaro: Na Encarnaçam, no nascimento, & mais na Cruz, ~~deu~~ aos homens, o que nam merecião os homẽs: No Sacramento ~~deu~~ a nós Christos, quando huns o nam crião, & outros o duvidavão: *Quomodo potest hic*, diziaõ os Indeos: *Durus est hic sermo* diziaõ os Discipulos, & amar Christo no Sacramento as nossas duvidas, foy o mais de suas finezas: dar se Christo no Sacramento a duvidozos, dar se Christo no Sacramento a incredulos he amor em tanta emnencia, que quanto aos effeitos, nem hũ, nem outro amor pode fazer com este amor comparaçam.

Ioan. c. 6.
Iob. i. 16.

Grande he a quelle beneficio, que se emprega em hum ingrato, mas mayor he ainda a quelle que se emprega em hum incredulo. Sansam entregou a vida a Dalila. mas não lhe entregou a vida quando a vio sollicita de sua morte, senão quando a vio duvidoza de seu amor: *Quomodo tu dicis quod amas me,* *si per tres vices mentitus es mihi.* Lhe dice Dalila: Como posso eu crer q̃ me tem dado o coraçãõ, quem me não descobre hũ segredo? A vista destas duvidas, & destas desconfianças entregou Sansão a vida a Dalila: *Si rasum fuerit caput meum recedet à me fortitudo mea.*

Judicum.
c. 16. n. 15.

Pois se Sansam se resolve a entregar a vida á quelle idolo da sua cegueira, porque lha entrega quando a vê duvidoza *Quomodo tu dicis?* E nam lha entrega quando a vê ingrata? Porque como naquella entrega queria fazer por Dalila

por fineza; achou que fazia pouco em amar a Dalila so ingrata, podendo amar duvidosa: *Quomodo tu dicis quod amas me?* Pouco fizera Sanaão em amar a Dalila quando o offendia, podendo amala quando o duvidava, & a razão he porque amar Sanaão a Dalila quando o offendia, era amar a quem pouco menos tinha o seu amor por amor, mas amar a Dalila quando o duvidava, era amar a quem tinha o seu amor por engano; & amar eu quem me tem por amante nam he muyto grande amor, porque como o amor se paga de pouco, o conhecimento fica tendo algũa parte de satisfação, mas amar eu a quem me tem por enganoso, amar a quem me avalia por fingido, amar a quem duvida de meu amor, esta he a mayor fineza de amor, esse o mais raro estremo de amor.

Perguntou hum ora Christo a S. Pedro, se o amava mais que todos: *Simon Ioannis diligis me plus his?* E S. Pedro que lhe respondeo? respondeu he somente que o amava: *Tu scis Domine quia amo te.* Já vem a dificuldade: Se o intento de Christo he querer saber de Pedro se o amava mais que os outros, como lhe responde Pedro sò que o ama? Ou dê inteira satisfação à pergunta, ou se a nam ha de dar, deixe de dar a resposta, mas si deu (diz o Douto Maldonado) na resposta de Pedro estava satisfação de toda a pergunta de Christo: *Mihi vero videtur quod Petrus non obscure significaverit se plus ceteris Christum diligere.* Se me embaraçava a duvida, mais me embaraça a soluçãõ. Argumento assi, ali parece que avia duas cousas, huma o querer Christo saber de Pedro se o amava: *Amas me;* contra o querer saber se o amava mais, *Plus his?* & Pedro não respondeo ao amor mais, senão sòmente ao amar: *Tu scis Domine quia amo te.* Com que fundamẽto diz Maldonado que S. Pedro respondera, ao que Christo lhe perguntara.

O fundamento que Maldonado teve nam o dice, mas et diretto que me parece. Digaõme em que tempo respondeo Pedro que amava a Christo? Quando Christo mostrou duvidar do amor de Pedro, que quem pergunta se o amão; quanto apparencia duvida de ser amado: Pois não por Pedro duvidas

Ioan. 6. 12

11. 1.

Maldona-
tus. ibi.

PL. R. 81. 1.

vidas em empregar seu amor, em quem no seu amor punha duvidas: Resolverse Pedro a amara Christo, quando Christo se mostra duvidoso de Pedro o amar; he amar com tanta eminencia que nenhum outro amor pòde fazer com aquelle amor comparaçõ. Por isso o mesmo soy confessar Pedro ali o amor, que responder ao excessõ: Como se fizera Pedro este discursõ: Meû mestre mostrando se duvidoso de meu amor, perguntame se o amo mais que todos, pois como nam possa adelgatar se a mais huma vontade, que resolver se a amar aquem duvida de seu amor, o mesmo serà confessar lhe eu agora a minha afeição, que responder a sua pergunta: *Tu scis Domine quia amo te.* O mesmo serà responder lhe que o amo, e que amo lhe que o amo sobre tudo, que o amo mais que todos: *Mibi videtur, quod Petrus non obscure significaverit se plus cæteris Christum diligere.*

E se he taõ grande couta amar nas duvidas, que serà nas incredulidades? Este foi o amor de Christo no Sacramento, & por isso foi o maior amor, amou nas duvidas dos Discipulos. *Durus est hic sermo,* & na incredulidade dos Iudeos, *Quomodo potest hic?* Quando os Discipulos duvidavaõ, quando os Iudeos nam criaõ, que Christo se avia de dar no Sacramento, entã se deu sacramentado, para que à vista de stas incredulidades ficasse o seu amor mais fino na dadiva, & mais glorioso no triunfo.

Que Christo sacramentado, triunfasse da incredulidade dos Iudeos seja embora, que para hum amor tão grande não avia triunfo difficultoso; mas que despois de se sacramentar, se deixe em estado, que aja ainda hoje incredulidades? Tem grande misterio: Difficulto assi: Se Christo se mostrou tam empenhado em crer o mundo na Eucharistia a sua existencia, que para nos tirar as duvidas, rompe em tantos juramentos: *Vere est, vere est,* porque de deixa ali de sorte, que se expõem a incredulidades, & sobre incredulidades a dezaratos? Ora o certo he Senhor, que parece, que suppos hai a vella bondade de, o que hoje não vêm os nossos olhos: Suppos,
 Chr...

Christo que despois de se sacramentar, nam avia quem o sou-
besse mais offender. Christo offendido, depois de sacramen-
tado, vemno os olhos, & nam o cre o entendimento.

Quando os Iudeos forão buscar a Christo ao horto de Get-
zemani para o prenderem, chegouse a elles o Senhor, & fêzhe
co hū misteriosa novidade esta notavel pergunta: *Quē quaeritis?* Homēs a quem buscais! A quem buscais! & Christo
não sabia mui bem que o buscavaō a elle? mui bem o sabia
Christo que assi o diz S. Ioaō. *Sciens omnia que ventura erant
super eum, processit. & dixit, quem quaeritis?* Pois se o sabe
para q̄ o pergunta? De Ruperto he a duvida, ouçamos a sua
reposta: *Non dixit ecce ego, quia me quaeritis, sed quem quaeritis
inquit, quia re vera talem persecutionis modum nescit.*

salus ignorat. Perguntou Christo aos Iudeos a quem busca-
vaō, porque parece duvidava daquillo mesmo que via: No-
tavel razão na verdade! & era cousa nova perseguirem os
Iudeos a Christo? Não avia tam pouco tempo que o quize-
raō matar apedrejando? Pois se era cousa taō ordinaria de
Christo dos Iudeos ser perseguido, se era cousa taō ordinaria
ser dos Iudeos afrontados: Como duvida agora Christo de o
quererem os Iudeos perseguir, & de o quererem afrontar?
Quem quaeritis? Que misterio tem esta pergunta.

Sem parece este misterio: avia poucas oras, que Chri-
sto se sacramentara na Ceia, sabiaō no os Iudeos, porque lho
tinha dito Iudas, que assi o diz Theophilato, & ver se Christo
dos homens offendido, despois de se dar aos homens sacra-
mentado, era huma culpa taō escandalosa, era hum peccado
tão abominavel, que o viaō os olhos, & nam o cria o entendi-
mento; *Quem quaeritis.* Não foi em Christo esta pergunta ig-
norancia do seu entendimento, foi exageraçã daquelle pec-
cado: que aja quem a Christo chegue a offender, despois de
Christo se sacramentar, he açãõ que não parece que cabe no
conhecimento de Deos, ainda quando cabe no atrevimento
dos homēs: *Talem persecutionis modum veritas nescit solus ig-
norat.* Culpa que aiada que Deos a conhece, amostra, que
a não

Ioan. c. 18

n. 7.

Rup. ibi.

Theophil.

9
o não alcança *Quem queritis?* & a razão he tão comũ, que a
sabẽ todos, & tão certa, que he do Evangelho. Christo no Sa-
cramento deunos a melhor vida, & deunos a maior honra;
deunos a melhor vida porque ali diz S. Agostinho meu Padre
no modo que pòde ser temos nõs com Christo por graça, a-
quella mesma vida que Christo tem cõ seu eterno Padre por
natureza: *Sicut misit me vivens pater, qui manducat me, &* *Aug. c. 1.*
ipse vivet propter me,

Deunos a maior honra porque sendo cada hum de
nos antes de se sacramentar hum homem, depois de se sa-
cramentar fica Deos: *Vere comedens Deus efficitur,* diz *Divus*
S. Ieronimo, & que aja quem queira tirar a vida a quem lhe *Hierom.*
deu a maior vida, & a quem lhe deu a maior honra, he de *in suo te-*
zato, culpa, que ainda caiba no desaforo dos homens, *stamento.*
não parece que cabe no conhecimento de Christo, *Veritas*
nescit, salus ignorat.

Lede todo este Evangelho do Sacramento, & nam achareis
nelle que affinasse Christo algum castigo para quem no Sa-
cramento o offendesse affinando nelle o premio para quem o
recebesse, & o servisse no Sacramento: *Qui manducat me am-*
carnem, & bibit meum sanguinẽ, in me manet, & ego in illo: qui
manducat hunc panem vivet in aeternum. Quem me recebe sa-
cramentado (diz Christo) ficara unido a mi, & eu ficarei uni-
do a elle, & sobre lograr esta felicidade terá tambem eterna
vida: eis hai o premio, & o castigo? Nam achareis em to-
do o Evangelho: Pois se a igualdade da justiça, não sò consi-
ste em premiar os benemeritos, senão tambem em castigar os
culpados, & Christo no Sacramento he principe tam igual, &
tam justicozo, porque nam affinou o castigo para quem no Sa-
cramento o aggravasse, assi como affinou o premio para quem
no sacramento o servisse.

Grande confirmaçam do nosso discurso! Apontou Christo
o premio para quem no Sacramento o servisse, porque quis
mostrar que soppunha que todos no Sacramento o avião de
servir: nam apontou o castigo para quem no Sacramento o
offen-

ofendesse, porque quis mostrar que s'aprouha, que ninguém o avia de offendet no Sacramento: bem, conhecia Christo que avia de padecer no Sacramento incredulidade; & que avia de sofrer de facatos, mas he tam abominavel esta culpa; que quis mostrar, que lhe não cabia no conhecimento; que não se esperava de nos o menor agravo, naqu'elle Sacramento donde nos fizera o maior beneficio.

Là dice S. Paulo, que Christo morrera na Cruz pellos peccados que avia precedido a sua morte: *Quem proposuit Deus propitiationem per fidem in sanguine ipsius ad ostentationem justitiae suae propter remissionem precedentium delictorum*. Pois s'ò pellos peccados que precederam a sua morte morreo Christo? Bem aviada estava a nossa salvação se isso morrea: he certo, & he de fé, q' Christo morreo na Cruz pellos peccados passados, & pellos peccados futuros, por todos os peccados morreo; mas diz S. Paulo que morrera Christo s'ò pellos peccados passados; *precedentium delictorum*, porque suppos que de (pois de Christo morrer, não averia quem soubesse mais peccar: de (pois de h'ua taõ grande fineza suppos S. Paulo que não averia quem cometesse mais culpa: he razão do nosso S. Thomas de Villa nova. Isto suppos S. Paulo despois da morte da Cruz; & com maior razão parece que o podera suppor de pois da instituiçam do Sacramento; porque ainda que o mesmo Christo que se nos deu no Sacramento foi o que se nos deu depois na Cruz: na Cruz morreo por nós na realidade: h'ua s'ò vez, no Sacramento morre por nós na representaçam todos os dias: a fineza da Cruz foi grande mas f'oi a ultima, a fineza do Sacramento assi tem a excellencia de grande que lhe não falta a duração de perpetua. *Et ego vobiscum sum usque ad consumationem saeculi*.

Na Cruz deunos o corpo, deunos o sangue, & de unos a vida: no Sacramento, tudo isto nos deu & passou avante, porque nos deu tambem a divindade; *Formaliter*, nos deu ali tudo o que tinha dos homens; *Et per concomitantiam*, tudo o que tinhava de Deus: na Cruz unio se a nós por amor: no

Paulus ad
Rom. c. 3.
n. 25.

D. Thom.
de Villa
nova ser.
1. de ad-
ventu Do-
mini.

Luc. cap.
22. n. 19.

Mat. cap.
28. n. 20.

Sacramento por realidade: *In me manet, & ego in illo* Na Cruz de unos a restituicam da sua graça, no Sacramento de unos o penhor da tua gloria: *Et futura gloria vobis pignus datur*: na Cruz abriu o coração, para que nós entrássemos nelle, no Sacramento elle he o que entra em nosso coração: *Si quis aperuerit mihi intrabo, & cenabo cum illo, & ille mecum*. Na Cruz estendeo os braços para nos abraçar, no Sacramento fez te todo prizoões para nos prender; na Cruz foi o seu amor a causa, mas não foi o instrumento, no Sacramento foi o seu amor o instrumento, & mais a causa, Christo foi ali o sacrificio & foi também o Sacerdote: *Per hoc, & sacerdos est ipse offerens & oblatio*. Na Cruz custou nos, aquelle remedio muitas esperanças, no Sacramento não custou a menor esperança, o maior favor, sem que nós merecemos o esperassem se deu Christo aos homens sacramentado.

Na Cruz rogamos he que se nos desse; no Sacramento elle nos roga para se nos dar, nossas são as conveniencias, & tuas as petições: *Accipite & comedite*: Na Cruz abriu nos as portas do Ceo, no Sacramento o Ceo nos bate as portas: *Ecce sto ad ostium, & pulso*: na Cruz fez com que os homens obedecessem a Deos, no Sacramento faz com que Deos obedecça aos homens; às palavras da consagraçam nos obedecça ali Deos todos os dias: na Cruz deu nos para a vida, mas não se nos deu para o sustento; no Sacramento danos o sustento, & mais a vida: *Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus*. Na Cruz satisfes por nossos peccados; no Sacramento não nos com seus thesouros: na Cruz convidanos para o seguirmos crucificados, no Sacramento são para si quer as cruces, & para nós os interesses. Na Cruz apagou com seu sangue a escritura que tinha o Demonio de nosso cativoiro: no Sacramento escreveu com seu sangue a cedula com que nos faz herdeiros da bemaventurança: na Cruz sacrificou te por amor de nós assi como era; no Sacramento multiplicou te para que multiplicado se sacrificasse por nós: todo se nos dá uma vez na Hostia, & todo outra vez no Caliz: *Est cibus, & potus*

Ecclesia in hymno de sacro. Apoc. p. se. 3. u. 20

D. Aug. in miliseq; v. 1. fol. 807.

Mat. 26. n. 16. Apocalip. ubi supra.

Hieron.

potius. Na Cruz deuse nos, mas deixou nós homens; no Sacramento quando se nos dá, faz nos Deuses: *Vere comedens Deus efficitur.* Na Cruz vianos quando nos amava; no Sacramento amanos sem que nos veja; tam ambicioso parece que foi ali seu amor de tormentos, que quis recutar esse alivio. Na Cruz venceunos a nós, no Sacramento venceuse a si, porque nos deu no Sacramento o que negou a Adam no Paraiso: na Cruz mostrou sua misericordia; no Sacramento, quanto a quella dadiva, esgotou os seus atributos; porque sendo infinitamente poderoso pos ali termo a sua omnipotencia, sendo infinitamente sabio pos ali termo a sua sabedoria, sendo infinitamente rico, pos ali termo a suas riquezas: Eu me não atrevera a dizelo, se S. Agostinho o não dicesse *non potius, cum sit sapiens plus dare non potuit, cum sit sapiens plus dare nescivit, cum sit ditissimus plus dare non habuit.*

P. Aug.
de Eucharistia.

Pois se o amor do Sacramento, quanto aos efeitos foi tanto maior que o amor da Cruz, & S. Paulo suppos que despois de Christo se dar na Cruz não averia quem soubesse mais peccar; porque nam mostraria Christo que suppunha, que despois de se dar no Sacramento nam averia quem o soubesse mais ofender?

Esta supposiçãõ Senhor parece que fez vossa bondade, mas esta suposiçãõ destruoõ nossa malicia: e ainda mal, ainda mal, porque chegaõ a essa meza tantos peccadores, a quem podeis fazer a mesma pergunta, que fizestes em Getzemani aos Judeos: *Quem queritis?* Homens a quem buscais? A quem buscais vòs, ò Judeos incredulos: *Quem queritis?* Cujã egeueira dissimula ha tanto tempo minha misericordia. A quem buscais vos ó mundanos, *Quem queritis?* cuja vida apura tanto minha paciencia: A quem buscais vòs ò lascivos: *Quem queritis?* cujas torpesas me tem roubado as vossas almas: A quem buscais vòs avarentos: *Quem queritis?* cujos coraçõens tendes ja dado ao demonio: A quem buscais vòs ò ambiciosos: *Quem queritis?* cujos cuidados são todos os meus tormentos: A quem buscais peccadores: *Quem quer-*

querists? bufcals para dar a morte a quem vos deu a melhor vid a? bufcals para offender a quem assi vos soube amar? Vin- des a fazer delacatos a quem vos fez tantos beneficios?

Daquella Hostia nos faz Christo mudamente esta pergun- ta, mas se se podera alterar com Deos, tambem lhe eu fize- ra outra pergunta na quella Hostia; Senhor daime licenca pa- ra vos perguntar com toda a humildade, venerando sempre os segredos de vossa sabedoria: supposto que estranhais ahi tantos peccados, que conhecendo tudo quizestes que visse- mos nos, que nem ainda vos cabiaõ no conhecimento, para que permitis nos Iudeos tanta incredulidade, & para que so- freis em nos tantas culpas? Se tantos vos offendem ahi os in- credulos, porque nam destruis, & se tantos vos aggravaõ os peccadores, porque nam castigais?

Hora responde por vossa bondade aquelle Santo que vos fizestes mais conforme ao vosso coraçã que foi David. Di- ce David que tudo que avia no mundo servia a Deos: *Ordina- tione tua perseverat dies, quoniam omnia serviunt tibi*. Serve a Deos tudo o que ha no mundo? *Omnia serviunt tibi*, Estranha proposiçam! Tambem servem a Deos os Atheistas, que ne- gaõ a sua essencia? Tambem o servem os Iudeos que ne- gaõ a sua vinda? Tambem o servem os Luteranos, & os Calvinistas que negaõ os seus Sacramentos? Tambem o ser- vem os peccadores que offendem os seus attributos? Que sir- vaõ a Deos os bons merito embora, mas que o sirvaõ tambem os maos! Isso como pòde ser?

Psal. 118. n. 91.

Servem a Deos os bons, Diz S. Agostinho, porque nos bons mostra Deos sua bondade, servem a Deos os maos, porque nos maos me mostra Deos sua paciencia: Em nenhuma coua mostra mais Deos a excellencia de sua divindade, que no sofri- mento de nossas culpas: *Non convertam, ut disperdã Ephraim, quoniam Deus ego, Et non homo*. Diz Deos por Ozeas Sabes õ peccadores atrevidos, sabeis õ lud os incredulos, porque vos nam destruo logo, quando me offendeis, porque sou Deos, & nam sou homem como vos sois: Os homens edificao com

Aug. Ozeas 10. 11 n 9.

grandes vagares, & destroem com grande pressa: Deos edifica com grande pressa, & destroe com grandes vagares; Em *Gen. 6. 1.* seis dias fez Deus o mundo, & em oito destruiu a Hericã. Pois gasta seis dias em fazer hum mundo tam grande, & gasta oito em destruyr hũa cidade, tão limitada? *Iosue 11.* Mas, que em edificar he Deus muito apressado, & em destruyr muyto vagaroto.

No Sacramento do altar, quem recebe a Christo, dignamente, fica logo tam grande, que fica edificado, & o que o defacata nam fica logo destruido, edifica com tanta pressa no Sacramento, que nam ha mister mais que hum instante para nos subira maior emibência; & destroe com tanto vagar, que se nam ha emenda, guarda a destruyçam lá para o cabo da vida. Se Christo no Sagramento logo se agarrava a incredulidade dos Iudeos, & os defacata com nomens, nam parece que se mostra Christo muito Deus no Sacramento; pois para mostrar ali sua divindade, ha de sofrer, & ha de disimular nossas culpas.

Todo o empenho de Christo no Sacramento do altar, he o mostrarnos que está ali o seu corpo, & que está ali o seu sangue: *Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus;* Digaõ-me, & nam está ali tambem a divindade de Christo? si está. Pois porque não jura Christo que está ali a sua divindade, assi como jura que está ali o seu corpo? *Caro mea sanguis meus.* Sabem porque, porque para Christo mostrar ali sua divindade basta a sua paciencia; para Christo se mostrar ali Deus, basta sofrer o que sofre aos homens: Sofre Christo no Sacramento a incredulidade dos Iudeos, sofre no Sacramento os defacatos dos peccadores; pois donde ha tanto cabedal de paciencia, escuzados são outros abonos de divindade: Iure embora Christo que he homem naquelle Sacramento, donde sofre tanto, porque sofrem os homens muy pouco, mas não nos jure, que he Deus, porque só sendo Deus como he, podera sofrer o que sofre; só sendo Deus, pode sofrer que se lhe atreva ali o incredulo sem que o destrua; o defacate ali o peccador sem que o castigue, adonde

2

de esta tanto sofrimento, são escusados outros testemu-
nhos.

Mat. 6. 3.
n. 7.

Ponde os olhos em Christo no Thabor, & ponde os olhos
em Christo no Calvario: Veloeis no Thabor abonado do Ceo
por filho de Deos: *Hic est filius meus dilectus*; & no Calvario
nam ouvireis tal testemunho.

Pois valhame Deos! Patrião aqui os expositores: No
Thabor não estava Christo mais que o sol fermoço, mais que
o sol resplandecente? No Calvario não estava em huma Cruz
no meio de dous homens infames, seu companheiro no casti-
go, & na opinão do mundo, também companheiro seu nos
peccados, *& cum iniquis reputatus est*. Não estava todo pas-
sado de feridas, do cuberto de sangue, com as mãos prezas,
com as veas ralgadas, os olhos mortaes, & com a fer-
mozura perdida? *Species ei non erat, neque decor*: não estava
finalmente em tabetado, que apenas parecia homem? *Ego
sum vermis, & non homo*: Pois porque o não abona aqui o
Ceo por Deos? Aqui no Calvario parece que era mais con-
veniente aquelle testemunho que acolá se ouvira no Thabor.

Marc. cap-
15 n. 28.

Isaias cap.
13. n. 2.
Psal. 21.
n. 7.

Nam era diz Tertuliano porque no Thabor mostrava
Christo resplandores, no Calvario sofria Christo descatos,
& mais mostrava a Christo Deos no Calvario os exercicios;
de sua paciencia, que no Thabor os resplando es de sua di-
viddade: Mostrouse Christo na Cruz muito sofrido? pois mos-
trouse muito Deos: *Hinc vel maxime Pharisai Dominū agnos-
cere debuistis patientiam huiusmodi nemo hominum perpetra-
ret*. Do sofrimento de Christo ò ludeos (diz Tertuliano)
podeis vos conhecer a divindade de Christo; porque huma
paciencia tão grande não podia acharse, senão em huma pes-
soa mui divina; não podia deixar de ser mais que homem na
natureza, quem era tão cabal no sofrimento: *Patientiam huius-
modi nemo hominum perpetraret*.

Tertul. l.
de paciē.
cap. 3.

Eis aqui o que fazem ò incredulos os vossos descatos a
Christo no Sacramento: Negailo ali Deos, & negailo ali Rey,
& tentaõ o mostrais mais Rey, & tentaõ o mostrais mais Deos

Ambr. in. diz S. Ambrosio: *& si corde non credunt, quem perimunt con-*
sistentur! A vossas incredulidades são a maior prova de sua
 6.23. Luc. soberania. Perguntou Pilatos a Christo se era Rey dos Iu-
 10ann. 6. deos *Tu es Rex Iudeorum?* Respondeulhe Christo que elle
 28. 27. mesmo o dizia: *Tu dicis quia Rex sum ego.*

Senhor; Pilatos nam o diz, duvidao: Pois quando o du-
 vida entao o diz: com as suas duvidas exercita minha pacien-
 cia, & quando exercita minha paciencia, entao testimunha a
 minha divindade: *Tu dicis:* Quando lhe eu soffro duvidar
 de mi que sou Deos, & duvidar de mi que sou Rey, entao me
 mostra mais Rey, entao me mostra mais Deos. Esta he se me
 não engano a total razaõ, porque Christo no Sacramento so-
 fre as incredulidades, & os desaccatos dos Iudeos; *Quomodo*
potest hic? Para que elles mesmos não possam attrem ali mais divi-
 no, paraque elles o mostrem ali mais soberano, *Vos dicitis:*
 Na instituiçam do Sacramento teve Christo por prova de sua
 soberania a sua liberalidade, mas despois que soffreo injurias
 no Sacramento, teve tambem por prova de sua soberania sua
 paciencia, & nam sei na verdade qual destas he a maior pro-
 va, se a que lhe daõ os Iudeos exercitando sua paciencia, se
 a que lhe dà Christo exercitando sua liberalidade: Para soltar
 a duvida, ei de propor huma questaõ.

Pergunto, qual se mostra mais Rey, aquelle que mais dá, ou
 aquelle que mais sofre? Eu tenho para mi que o que mais
 sofre, & nam tenho tam pequeno abonador que nam seja o
 mesmo Christo. Sustentou Christo cinco mil homens no
 deserto davaõlhe o nome de Rey, & não o quis *Fugit in mon-*
 10ann. 6. *tem:* deraõlho despois na Cruz, & aceitou: *Iesus Nazarenus*
 1. 15. *Rex:* Pois porque aceitou Christo o titulo de Rey na Cruz,
 10ann. 6. se o não quis no dezerto? Querem ouvir a razam porqu?
 19. 19. Porque na Cruz soffria, & no dezerto dava: *Distribuit discum-*
benibus, & quis ensinaarnos Christo, que não era para Rey o
 que mais dava, senam o que mais soffria: attributos são de hũ
 Principe a paciencia, & a liberalidade, mas não lus tanto a so-
 berania nos lanços da liberalidade, como lus nos lanços da

paciencia: mais Rei se mostra aquelle que tem mais coração para sofrer, que o que tem mais mãos para dar.

Louvada seja Senhor vossa providencia, que tam altamente dispoem, & governa as cousas, que os mesmos golpes que vos tiraõ os homens, para negar o que sois, taõ a maior prova de vossa divindade, & o maior testemunho de vossa soberania, *& si corde non credunt quem perimunt consistuntur*, & se a Christo no Sacramento lhe resultaõ tantos creditos das incredulidades, & das injurias dos Iudeos, que muito que no Sacramento sofra tanto tuas injurias, & que permita as suas incredulidades: Iura ali sua existencia para conciliar nossa Fè: *Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus*. Mas permite, & remove as nossas duvidas, para testemunhar mais sua divindade.

Ambros.
supra.

Senaõ dizeime vos, se Christo no Sacramento não permitira aquelle desacato, que entre estes applausos choraõ, & hão de chorar sempre nossos olhos, fora neste tẽplo taõ tervido? fora neste templo tam venerado? o mais certo he que não fora: Pois eis hai o que fazeis õ incredulos, fazeis ao Sacramento desacatos para lhe tirares a veneraçãõ, & por isso mesmo cresce a tua veneraçãõ, porque se lhe atrevem vossos desacatos. Roubailo a nossos olhos para o tirares de nossos corações, & por isso entra mais em nossos corações, porque o roubais a nossos olhos: com os mesmos golpes que lhe tirais, vos feris, porque se a vossa inveja nasce da sua estimaçãõ vendo agora a sua estimaçãõ tam crecida, claro estã que ha de ficar a vossa inveja mais refinada: se cada hum de nòs vos pudera por esta culpa condenar ao inferno, nam sei se vos castigara mais fazendovos condenados, que fazendovos como vos faz mais invejosos. Da inveja dice o Spirito Santo, que dra fumaça ao inferno: *Durat sicut infernus emulatio*, & em que são semelhantes? em que se parece o inferno com a inveja? em muitas cousas: primeiramente o inferno he hum fogo que se acende, & nam se apaga: he hum fogo que castiga, & nam destroe, he hum fogo que arde, & nam alumina,

Cant. c. 3.
n. 6.

hum fogo que abraza, & mas conserva, hum fogo que quanto mais se quer remediar, entam se chega mais a acender, he hum fogo que atormenta, a quem o tem, sem que a si se atormente: finalmente o fogo do inferno he bom, & he mau; he mau, porque he o maior de todos os males, he bom porq̃ castiga os maos: tudo isto tem o inferno, & tudo isto tem a inveja, por isso diz o Spirito Santo, que a inveja he semelhante ao inferno: *Durat sicut infernus a mulatio.* ou *omni*

o Tenho eu logo razião para dizer, que o maior castigo que podemos dar aos incredulos da nossa Fè he o acrecentar a sua inveja com a nossa veneração? & como hora tenho. Assi o fazemos, & assi o avemos de fazer; avemos he de acrecentar a inveja para lhe castigar a incredulidade, para que assi fique quem elles mais confundidos, & meu Deos, & meu Senhor mais glorioso, dai-me licença para o dizer assi: mais glorioso estais hoje nesse trono do que estaveis antes daquelle abominavel defacato, porque ainda que vossa magestade para ser grande não necessita de nossas veneraçoes, he tam excessivo vosso amor, que fazeis mais caso das honras, que vos grangeam nossos agravos, que das honras que vos grangeão vossos beneficios. No dezerto não quis Christo aceitar o titulo de Rey, & aceitou na Cruz. Pois se Christo era tanto Rey na Cruz, como no dezerto, porque na Cruz o aceita, & no dezerto o recusa? Foi sem duvida, & seja outra razião, porque no dezerto grangeavaõ lhe aquella honra seus beneficios, & na Cruz nossos agravos, & como esta honra era para Christo de maior valia, por isso foi para Christo de maior estimacão. Sendo isto logo assi, que estimacão fara hoje Christo destas honras, & de tais honras? Antes de se injuriar nesta Santa Casa o Sacramento servião aqui o povo, agora serve a nobreza, & Deos servido da nobreza, o como esta glorioso! o como esta venerado! Daquelle humilde cabana em que Abrahão recbeo a Deos dice S. Agostinho meu Padre, que ainda que era para a grandeza de Abrahão hum lugar estreito, que era para a ma-

de de Deos hum palacio autorizado: *Ingrreditur ergo Deus locum arboris Abraham sub qua construitur quaecunq[ue] suffragiu[m] angustum quidem homini, sed sufficiens maiestati, dignum tamen Deo palatium.* Que dizeis Santo Padre? a pobre cabana de Abraham he digno palacio de Deos? La sei eu que dice Salamao que ninguem podia fazer na terra templo em que Deos dignamente assistisse, em que dignamente se venerasse; *Quis poterit prevalere, ut aedificet ei dignam domum?* Pois se isto temto Salamao, da lei da graça S. Agostinho, que em huma pobre cabana cuja fabrica erao huns ramos mal compostos estava Deos bem venerado *Dignum tamen Deo palatium.* Estava Deos ali bem venerado, porque estava ali bem servido: Estava Deos ali servido da Fè, & da nobreza de Abrahão; da Fè o dice S. Agostinho: *Quid fides devota pingebat.* E lugar adonde a Deos o venera a Fè, & dôe o serve a nobreza ainda que se ja muito apertado para hum homem he muito autorizado para Deos: *Augustu[m] quidem homini, sed sufficiens maiestati, dignum tamen Deo palatium.* Os templos de Deos naõ se autorizaõ com as armaçoens com que os ornaõ, como se autorizaõ com as pessoas com que se servem: & se he certa esta verdade inferi vos agora a consequencia, que eu a inferira, se nam receara ofender o que venero, & o que admiro.

o Mas naõ digo bem o que venero, & o de que me naõ admiro, porque assi avia de ser, & assi o avia Christo de dispor: para Christo no Sacramento ficar dezagravado, na nobreza de Portugal avia de ser aqui taõ grandiosamente servido: as honras de Christo antes de ofendido, corraõ emboa por conta do povo todas as honras de Christo, despois de afrontado quer Christo que corraõ por conta da nobreza de quem avia Christo de fiar os seus maiores triunfos senaõ das mais autorizadas pessoas? as honras de Christo antes de afrontado em Jerusale[m] fiouas Christo da turba: *Plurima autem turba straverunt vestimenta sua in via.* Mas as suas honras despois de afrontado na Cruz nam as fiou senaõ da nobreza de Ioseph: *Venit Ioseph ab Aramathia nobilis decurio.* Que como Christo

P. Aug. serm. 68. de rep[er]s

Parvomen 2. c. 2 n. 9:

Aug. ibid.

Matth. 6. 21. n. 8.

tinha por maiores honras, as que lhe grangeavão nossas injurias nam quis fiar as tuas honras maiores, senão da pessoa mais autorizada: *Ioseph nobilis decurio.*

Estas são as honras, estes os credits, & estes os triunfos, que lhe grangeão a Christo os dezacatos dos Iudeos. Mas he necessario advertir, que assi como festejamos o que a Christo lhe grangeão, assim vemos de chorar com lagrimas de sangue o que suppoem. Sabeis o que suppoem os roubos do Sacramento? suppoem peccados, & não sò quai quer, senão os maiores: Vio a Magdalena morrer a Christo na Cruz, & não chorou: imaginou roubado do Sepulchro: *Tulerunt Dominum meum,* & então se desfez em lagrimas: *Stabat ad monumentū foris plorans.* He reparo de S. Agostinho: *Occuli qui Dominum quaesierant, & non invenierant jam lacrimis vacabant plus dolentes, quod fuerat de monumento sublatus, quam quod fuerat in ligno occisus;* & porque não chora a Magdalena quando ve a Christo morto, & chora tanto quando o considera roubado? Chorou o furto, & não chorou a morte, porque entendeo, que eraõ maiores os peccados porque Deos permitia deixar-se roubar, que os peccados porque Deos permitia o deixar-se morrer: Sabeis porque Deos permite que o roubem a nossos olhos? porque nos o lançamos fóra de nossos coraçoes. Nunca Deos deixa aos homens, sem que os homens deixem primeiro a Deos: *Dimitte me;* dizia Deos a Iacob deixame que me quero ir, & Deos não podia irse sem que Iacob o deixasse. Não, que não parece que sabe Deos deixarnos sem que nos primeiro o deixemos: Amoroso Senhor se nossos peccados forem algum dia tantos, o que nam permita vossa bondade, que mereçam semelhante castigo, nam nolo deis meu Deos, não nolo deis; castiguenos antes vossa ira, abrazēnos vossos fúdores, que podera ser que entam abramos os olhos; Já que vos sois meu Senhor o offendido nam sejais vos o castigado; sobre nós caiaõ os golpes, pois que são nossas as culpas.

Christãos abramos os olhos, & vivamos de consideraçam nam,

nam cansemos a Deos, nam apuremos sua paciencia com
 nossos peccados, Se Deos dissimula com nosco hum dia, &
 outro dia, humano, & outro anno, he porque quer justificar
 seus castigos, & esperar o nosso arrependimento; nam nos
 faça mais atrevidos o ver a Deos taõ misericordioso, que pode
 chegar hum ora, em que assi o apurem nossas temeridades,
 que nos nam valhaõ suas misericordias. Pedenos Deos nosso
 amor, pois que fazemos que nam entregamos o nosso amor
 a Deos? Que nos detem? que nos embaraça? o amor do
 mundo? que he o mundo mais que hum campo de batalhas
 & hum theatro de tragedias aonde a nossa alma, & a nossa vi-
 da anda taõ perigosa, & donde sae cada dia taõ ensangoen-
 tada. O amor da vida? que he a vida mais que hum cometa,
 que apenas resplandece quando acaba: O amor da fermo-
 zura? que he a fermozura mais que huma caveira concerta-
 da adonde o tempo esereve cada dia mil defenganos. O a-
 mor das riquezas? que saõ as riquezas mais que humas pri-
 zoens do alvidrio, com desvelo aquiridas, & sem sosiego logra-
 das. O amor dos gostos? Que saõ os gostos mais que huns
 fingimentos da nossa imaginaçõ que naõ deleita tanto quan-
 to custa, & que ordinariamente deixa mais arrependimentos,
 que saudades.

Pois isto nos prende? isto nos embaraça para deixarmos de
 entregar o nosso amor àquelle Deos donde sò a vida he vida,
 donde sò a fermozura he fermozura, donde sò as riquezas saõ
 riquezas, & donde sò os gostos saõ gostos: O que bem aper-
 tou esta razaõ Tertuliano! *Quid tibi cum flore morituro? ha-
 bes florem de radice Iesse, florem immarcescibilem sempiternũ.*
 Vinde cá necios, vinde cá ignorantes (diz Tertuliano) que
 tendes que bu'car no mundo cujas felicidades, se o saõ, saõ
 hoje, & naõ haõ de ser amanhã, quando tendes na terra a flor
 de Iesse Christo Iesu, cuja fermozura naõ està sojeita à varia-
 dade: *florem immarcescibilem sempiternũ*: Este he o vosso Deos
 Christãos, este o que deixais pello mundo: o amor do mun-
 do custavos desvelos, & naõ o gozais. Deos desvelase por nos

Tertul.
 de corona
 mil. c.

dar seu amor, & não o quereis: amais o mundo para padecer, & ficais com as penas, & sem o mundo: não quereis amar a Deos para descansar, ficando com o descanso, & mais com Deos: grande desgosta, grande miseria: ô não seja assi, o nam seja assi, busquemos a Deos naquella Hostia Sacrosanta com todas as forças de nossa alma, & como todo o fervor de nossos corações, que ali temos tudo o que podemos dezejar, & tudo o que podemos pedir, que assi nolo ensina a Fè, assi o dizem as scripturas, & assi o testemunham os Santos; ali temos o sustento *Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus*; ali temos a vida. *Qui manducat hunc panem vivet in æternum*; ali temos a fermosura: *Quid bonum ejus, aut quid pulchrũ ejus nisi frumentum electorum?* ali temos as riquezas: *Qui replet in bonis desiderium tuum*; ali temos os gostos: *In illo divinitatis dulcedo & humanitas predicatur*. Ali temos os descansos: *In me manet, & ego in illo*: ali temos a graça: *Adeamus ergo ad thronum gratie ejus, & ali temos a gloria; & futura gloria nobis pignus datur. Ad quam nos perducatur Dominus omnipotens Pater, Filius, & Spiritus Sanctus Amen:*

Zachar.

c 9. n. 17.

Ps. 120.

D. Pasch.

l. de corp.

& sanguine

Dom. c.

10.

D. Paul.

ad Rom.

c. 4.

FINIS.

Laus Deo, V. Matri, ac Beato Parenti Augustino.



123

5

X

3

